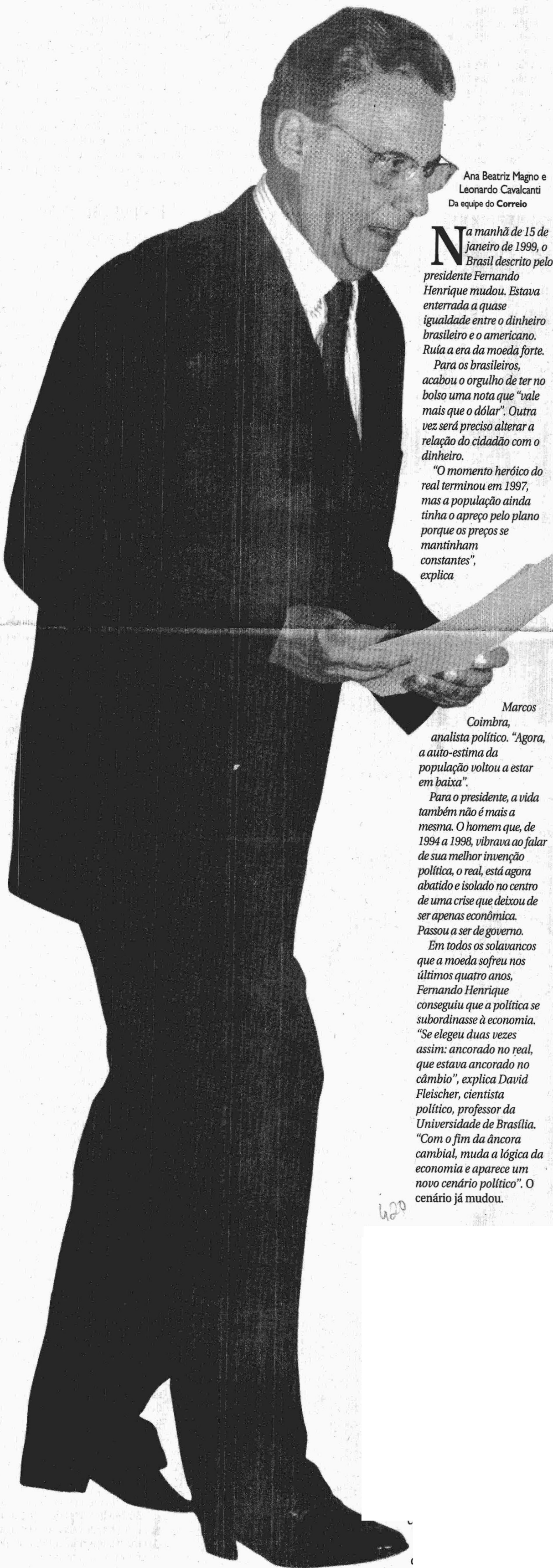


MUITA COISA MUDOU, PARA FERNANDO HENRIQUE E PARA O PAÍS, DESDE QUE O REAL FOI CRIADO

OUTROS TEMPOS



Ana Beatriz Magno e
Leonardo Cavalcanti
Da equipe do Correio

Na manhã de 15 de janeiro de 1999, o Brasil descrito pelo presidente Fernando Henrique mudou. Estava enterrada a quase igualdade entre o dinheiro brasileiro e o americano. Ruía a era da moeda forte. Para os brasileiros, acabou o orgulho de ter no bolso uma nota que "vale mais que o dólar". Outra vez será preciso alterar a relação do cidadão com o dinheiro.

"O momento heróico do real terminou em 1997, mas a população ainda tinha o apreço pelo plano porque os preços se mantinham constantes", explica

Marcos
Coimbra,
analista político. "Agora, a auto-estima da população voltou a estar em baixa".

Para o presidente, a vida também não é mais a mesma. O homem que, de 1994 a 1998, vibrava ao falar de sua melhor invenção política, o real, está agora abatido e isolado no centro de uma crise que deixou de ser apenas econômica. Passou a ser de governo.

Em todos os solavancos que a moeda sofreu nos últimos quatro anos, Fernando Henrique conseguiu que a política se subordinasse à economia. "Se elegeu duas vezes assim: ancorado no real, que estava ancorado no câmbio", explica David Fleischer, cientista político, professor da Universidade de Brasília. "Com o fim da âncora cambial, muda a lógica da economia e aparece um novo cenário político". O cenário já mudou.

"No dia 11 de julho (de 1994) fui à Bahia, a um comício preparado pelo Antônio Carlos Magalhães (hoje presidente do Senado) na cidade de Santa Maria da Vitória. Por alguma razão, o avião que tinha de me levar de Bom Jesus da Lapa a Santa Maria da Vitória não apareceu. Peguei carona num outro avião particular... Quando cheguei, me disseram que Antônio Carlos estava irritado comigo. Veja: eu ainda era um candidato fraco: os outros podiam se dar ao luxo de ficar irritados comigo. Ao chegar, entramos num carro. As cidades do sertão são bonitas. Em geral brancas, com ruas estreitas. Fazia um sol danado e o comício seria ao meio-dia, na praça. No caminho, nas ruas, as pessoas gritavam: "Olha o homem do real", e pediam que eu desse um autógrafo, escrevendo nas notas. Alguém me disse para não fazer isso porque era ilegal. Eu disse: "Não é ilegal, porque minha assinatura já está nestas notas". As primeiras ti-

nam sido assinadas por mim, como ministro da Fazenda. Então eu assinei em cima da assinatura já existente. E eles festejavam mais a mim do que ao Antônio Carlos. Quando chegou a hora do comício — estavam lá o Luís Eduardo (deputado morto no ano passado, filho de Antônio Carlos), o Paulo Souto, que era candidato a governador, e vários outros —, as pessoas levantavam as notas na minha direção. Levantar dinheiro na sua frente, em geral, é sinal de que você é ladrão. Mas ali era o oposto. Eles diziam: "Vale mais do que o dólar". Pessoas que nunca viram um dólar na vida tinham orgulho, porque aquela nota valia mais que o dólar! Onze dias depois! (depois do lançamento do real) A cabeça deles tinha mudado. Tinha mudado a relação da população com o dinheiro. O dinheiro passava a ser algo positivo, e não aquela porcaria que vai embora, que se joga fora, que não vale nada".

■ Fernando Henrique Cardoso, no livro O Presidente Segundo o Sociólogo, editado pela Companhia das Letras, no capítulo em que conta a campanha presidencial de 1994

CINCO MOTIVOS QUE EXPLICAM POR QUE O SEGUNDO MANDATO COMEÇOU MAL

1. MINISTÉRIO FRACO

Nos tempos do real forte, o ministério também era forte. "Era uma equipe muito mais vigorosa", explica um ministro que atravessou as duas gestões do presidente e agora está preocupado com o isolamento de Fernando Henrique. "Antes era uma equipe parecida com ele, atendida com seu passado".

Na primeira fase da estabilidade, a Esplanada abrigava Serjão (Sergio Motta, ministro das Comunicações), os irmãos Mendonça de Barros (Luís Carlos e José Roberto), André Lara Resende, Pêrsio Arida, Eduardo Jorge. Eram amigos de fé.

"E extremamente competentes. Só sobrou o Pedro (Malan, da Fazenda), o Serra (José, da Saúde), o Bresser (Pereira, da Ciência e Tecnologia), o Paulo Renato (da Educação) e outros poucos assessores", completa o ministro.

Ele explica que o interlocutor frequente, Antônio Carlos Magalhães, não é o amigo que parece. "Quem olhar o passado vê que essa é uma relação pragmática, não de companheiros (leia trecho do livro de Fernando Henrique)", completa o ministro.

2. RENASCIMENTO DA OPOSIÇÃO

De 1994 a 1998, a oposição a Fernando Henrique não tinha cara nem bandeira. O PT passou quatro anos bradando "não" ao governo, mas sem explicar as razões.

"Agora, a oposição encontrou a cara de Itamar Franco e a bandeira da dívida cruel dos estados. Repare que, no primeiro mandato, Itamar era governista, amigo de Fernando Henrique e morava em Lisboa", analisa Fleischer.

A nova oposição obriga o governo a mudar sua maneira de agir. "Agora, tem adversários de verdade, não só oportunistas que querem barganhar. Além de Itamar, há o governador Olívio Dutra e Anthony Gartotinho. São três estados importantes nas mãos da oposição", resume o cientista político.

3. DÍVIDA DOS ESTADOS

Com o fim da âncora cambial e com a liberação do preço do dólar, o crescimento da dívida de alguns estados como Minas Gerais e Rio de Janeiro foi imediato. "Nós temos dívidas em dólar. Ou seja, nossas contas aumentaram de um dia para o outro", explica Henrique Hargreaves, secretário da Casa Civil e Comunicação do governo Itamar Franco.

O aumento da dívida externa atinge estados, governo federal, estatais e empresas privadas que devem em dólar. Essas dívidas cresceram 21% nos últimos dias, desde que o real se desvalorizou.

4. O JUDICIÁRIO ENTRA NA BRIGA

Ao contrário de Itamar Franco que anunciou a moratória da dívida, o governador gaúcho Olívio Dutra arrumou uma maneira de não acertar as contas com o governo federal e, ao mesmo tempo, não ser considerado caloteiro.

Com autorização do Supremo Tribunal Federal, depositou a parcela de janeiro em juízo para poder questionar os termos do contrato assinado pelo antecessor Antônio Britto com a União.

Se imitada por outros governadores, a tática de Olívio obrigará a

União a negociar maiores facilidades de pagamento, o que significa entrada menor de dinheiro nos cofres federais. O governador do Mato Grosso do Sul, Zeca do PT, anunciou que seguirá o exemplo do Rio Grande do Sul.

As autorizações judiciais põem o governo federal contra o Supremo Tribunal Federal, outra novidade ruim para Fernando Henrique.

5. BASE DE APOIO ATORDOADA

No final da manhã de sexta-feira, quando analistas diziam que os brasileiros estavam assistindo ao funeral do real, o presidente do PSDB, senador Teotônio Vilela (AL), desencasava embaixo de um coqueiro na praia de Barra de São Miguel, cidade-balneário de Alagoas.

"Aqui, o único sinal da crise é que nas últimas horas o preço do aluguel de casas de veraneio duplicou", brincou o senador, certo de que a decisão do governo naquela manhã — de acabar com a âncora cambial — não assassinaria o real. "Mudaremos a política econômica. O paradigma da política econômica mudou, mas o real não", apostava, relaxado, Teo, como os amigos chamam o presidente do partido de Fernando Henrique.

"No primeiro mandato, o PSDB tinha Serjão na frente. Era um homem que liderava o partido e compreendia a gravidade dos momentos. Agora, nossa base de apoio está sem lideranças e as poucas que existem não se embrenham na crise, não entendem a crise", diz um assessor de Fernando Henrique, preocupado com as dificuldades que virão para a base do governo negociar a aprovação das reformas no Congresso.